

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-
PUC

Cogea-Coordenadoria Geral de Especialização,
Aperfeiçoamento e Extensão

DALILA SANTOS LIBÓRIO DE OLIVEIRA

ESTRATÉGIAS DE TEXTUALIZAÇÃO EM GÊNERO
TEXTUAL E TIPOLOGIA TEXTUAL: O CONTO E A NARRAÇÃO

São Paulo

2015

DALILA SANTOS LIBÓRIO DE OLIVEIRA

ESTRATÉGIAS DE TEXTUALIZAÇÃO EM GÊNERO
TEXTUAL E TIPOLOGIA TEXTUAL: O CONTO E A NARRAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso de *Lato Sensu* apresentado ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica, sob a orientação da Prof^a Dr^a Marilena Zanon.

São Paulo-SP

2015

BANCA EXAMINADORA

A Deus, pelo dom da vida.

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão ao meu bom Pai e poderoso Deus por ter me concedido a benção de alcançar tão desejado sonho. Ainda, por ter me concedido uma mãe capaz de batalhar e me ensinar às boas coisas da vida e, acima de tudo, me ensinar a lutar de maneira sã pelos meus anseios.

Aos professores do Curso de Especialização em Língua Portuguesa por terem, com maestria, me ensinado não somente regras e maneira de lidar com nossa língua, também, terem contribuído em meu desenvolvimento como pessoa, uns mais outros menos, todavia, todos com sua importante contribuição.

À professora orientadora Marilena Zanon que com sua graça, doçura e paciência me ajudou nesta tarefa difícil.

Aos colegas, e esses de profissão, pois mesmo sem terem conhecimento participaram como coadjuvantes de todo o processo. Estendo-me aos colegas conquistados no período de curso eternamente guardados em meu coração.

Ao meu eterno amigo Héberton, pelos seus longos sermões e incentivos.

E, por fim, aos interessados em meu singelo trabalho.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

1Coríntios 13:1

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	11
OS PERCUSOS TEÓRICOS DA PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA	11
1.0 <i>Introdução</i>	11
1.1 <i>A Linguística Textual</i>	12
1.2 <i>O processo de escrita</i>	14
1.3 <i>O ensino-aprendizagem da Produção Textual</i>	16
1.4 <i>Dualidade textual</i>	17
1.5 <i>Tipologias textuais</i>	19
1.6 <i>Gêneros textuais</i>	20
1.7. <i>Proposta Curricular do Estado de São Paulo</i>	21
CAPÍTULO II	22
A TIPOLOGIA TEXTUAL NARRAÇÃO E SUA DISSEMELHANÇA COM OS GÊNEROS TEXTUAIS	22
2.0 <i>Introdução</i>	22
2.1. <i>Tipologias Textuais</i>	22
2.2. <i>Gêneros Textuais</i>	24
2.3. <i>Gêneros no ensino</i>	26
2.4. <i>Gênero Textual: Conto</i>	28
2.4.1 <i>Estrutura do gênero conto</i>	29
2.5. <i>Conto A Bela e a Fera</i>	31
CAPÍTULO III	34
A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E SEUS PRECURSORES	34
3.0. <i>Introdução</i>	34

3.1. O conto _____	34
3.2. Análise do Conto a Bela e a Fera _____	36
3.3 A prática escolar alicerçada em gêneros textuais _____	39
3.4. Como entender e preparar uma sequência _____	40
Modelo de sequência Didática com gênero conto _____	43
CONCLUSÃO _____	66
REFERÊNCIAS _____	68

INTRODUÇÃO

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, o trabalho com produção de textos tem como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes. No entanto, percebemos uma dificuldade dos discentes com a escrita, ora para usar recursos linguísticos e produzir sentido ora distinguir alguns tipos de textos.

Temos notado também que os professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental II, numa perspectiva ampla, ainda ensinam produção textual por meio de tipo textual e não com gênero textual e isso contraria o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais bem como o Currículo - caderno do estado com diretrizes da matéria, que postulam a importância de trabalharmos produção textual por meio de gênero.

Baseado nesse contexto, nossa pesquisa tem por finalidade trabalhar o ensino da Língua Portuguesa por meio do gênero conto, levantaremos hipóteses de o porquê dos alunos do ensino fundamental não conseguem compreender significativamente o uso dos gêneros e a tipologia textual narração - delimitamos em razão do pouco tempo - no processo da produção textual, faremos uma breve pesquisa para identificar as estratégias de textualização que podem e devem ser utilizadas pelos docentes com seus alunos na produção escrita.

Para chegarmos ao resultado esperado, teremos como apoio a Linguística Textual, pois, de acordo com KOCH, a ela cabe o estudo dos recursos linguísticos e condições discursivas que presidem à construção da textualidade e, em decorrência, à produção textual dos sentidos, além do fato de ser a vertente que se preocupa com os usos e transformações da linguagem.

Encontramos nos PCNs que um escritor competente é alguém que sabe reconhecer diferentes tipos de texto e escolher o apropriado a seus objetivos num determinado momento. Com a pesquisa poderemos conhecer quais questões têm interferido no bom desenvolvimento do escritor competente e, assim, amparados por referências bibliográficas, proporcionar um

esclarecimento sobre como identificar e solucionar essa problemática. Ou seja, desmontar e montar novamente o quebra-cabeça da produção narrativa.

Ao falarmos de desmontar, estamos nos referindo à estrutura do texto narrativo e do conto, o que um tem que o outro não tem? Como diferenciá-los? Em nosso trabalho traremos clareza no que se refere à tipologia textual narrativa, como se apoderar do objetivo dessa; abarcaremos também o gênero conto, sua utilidade e prescrição.

O trajeto de nossa indagação será composto por três capítulos dos quais o primeiro averiguaremos o percurso histórico da Linguística Textual, vertente que nos dará suporte para trabalharmos a produção escrita; ainda, breve explanação sobre o processo da escrita, o ensino-aprendizagem da produção textual e qual a proposta do currículo de São Paulo para o desenvolvimento nas aulas.

Contaremos com a exposição da tipologia textual narração e sua dissemelhança com os gêneros textuais, esses que por sua vez também discorreremos, ou seja, abordaremos no segundo capítulo hipóteses de confusões ainda cometidas por professores e, conseqüentemente, por alunos na escrita e, esclarecimentos para que haja um melhor aproveitamento na disciplina ministrada.

Finalizaremos tratando da temática sequência didática, seus precursores, detalharemos os benefícios dela e, enfim, apresentaremos uma proposta de sequência didática tendo em vista contribuir para o avanço do professor e evitar o equívoco já mencionado. Ainda, disponibilizar ao educador, que talvez tenha dificuldade com esse ensino, a oportunidade de melhorar seu método didático por meio de um modelo de sequência didática.

CAPÍTULO I

OS PERCUSOS TEÓRICOS DA PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA

1.0 Introdução

Iniciamos nosso trabalho com o interesse em contextualizar nosso leitor quanto ao ensino e aprendizagem da produção textual escrita, haja vista que nosso principal objetivo será abordar algumas das possíveis dificuldades apresentadas por alunos do ensino fundamental II no que diz respeito à compreensão e produção de textos utilizando a narração – tipologia escolhida por nós, necessariamente o conto.

Então, para que possamos adentrar neste universo, temos de compreender que numa concepção ampla, segundo autores, a linguagem se concretiza a partir da interação, ora transmitindo uma mensagem ora recebendo a mensagem e dando uma devolutiva ou, como encontramos nas literaturas, compartilhando turnos, estes sujeitos se envolvem dialogicamente na construção de sentido concebendo o texto como o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores.

Como nosso material de trabalho será o texto, lançaremos mão da Linguística Textual, doravante denominada LT, para que possamos assim descrever algumas das peculiaridades que desenvolvemos ao redigir um texto, ou seja, ela nos fornece subsídios para compreender a condensação do texto, nos permite analisar por meio de critérios de textualização que segundo Marcuschi (2010) são a coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade, categorias bastante exploradas na atualidade.

Entendemos como necessário então, antes de relacionar a LT com nossa pesquisa, fazer um breve percurso sobre a trajetória e os principais pesquisadores dessa vertente que começou a ser desenvolvida na década de

60, no século passado, na Europa, ou seja, desde muito cedo existiu a preocupação com a forma como a linguagem era concebida.

1.1 A Linguística Textual

Para se chegar aos estudos atuais sobre o uso da linguagem na forma sócio-interativa-cognitiva muito se fez antes e, segundo o que encontramos nas teorias, Saussure foi quem introduziu o assunto. Em seus estudos defendia que a língua era um sistema, era possível analisá-la por meio de sua estrutura, daí o nome adotado na época, estruturalismo. O autor do livro “Curso de Linguística Geral” (1913), embora seja uma obra póstuma escrita por seus alunos, dizia que se podia explicar o código destrinchando suas partes e, isso podia ser feito em qualquer código, uma vez que, para ele independentemente da língua, todas tinham uma estrutura.

No entanto, em meio à teoria estrutural apareceu Chomsky, teórico considerado gerativista, defendendo a ideia de que a língua não era apenas uma estrutura, para ele a língua era uma habilidade inerente ao ser humano, que fazia parte da cognição de cada um e que, portanto sofria mudanças de um ser para o outro.

A defesa de Chomsky tomou grandes proporções e muitos outros autores começaram a defender suas teses baseados nele e, a partir dessas novas defesas, aqui podemos citar Halliday, Jakobson e outros que perceberam que precisavam de mais estudos, pois, como conseguiriam explicar questões como sentidos alcançados no contexto. Daí surgiram teorias como a Pragmática, a Teoria da Enunciação que solucionam perguntas que fogem à estrutura e a cognição, que passam a estudar a linguagem dentro e fora do texto.

Nesse momento, segundo Fávero & Koch (1983) a passagem da teoria da frase à teoria do texto pode ser dividida em três momentos: (a) a análise transfrástica, (b) a construção das gramáticas textuais e (c) as teorias do texto.

Segundo autores, a) a análise transfrástica tratava dos estudos da construção das frases, a interligação das partes estruturais na geração do sentido; b) na construção das gramáticas textuais não se conseguia explicar a

significação do que era dito/escrito somente pelas frases, então surgiu a gramática textual, nessa os pesquisadores tentavam sanar as dúvidas analisando o texto em sua totalidade e c) as teorias de texto vai além do texto, Aqui a teoria sóciointeracionista se enaltece, pois os conhecedores da língua tomam como explicação também a interação social na produção textual oral ou escrita.

A teoria que passou a pesquisar os critérios de textualização foi a LT, que teve muitos estudiosos, muitas também foram as denominações; uns a chamaram de análise transfrástica, gramática do texto, teoria do texto entre outras. Um dos motivos para se começar a estudar a LT foi o fato de não ter como explicar lacunas das gramáticas nas frases, por exemplo, os sentidos da pronominalização, o uso dos artigos, por esse motivo surgiu o questionamento: conseguiriam explicar tais perguntas com a gramática de frase ou teriam que gerar uma nova gramática textual?

Os recentes teóricos têm se preocupado com a produção textual pela perspectiva de esclarecer os mecanismos de textualização e podemos vislumbrar isso nos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental, cujo objetivo primordial é “... *formar escritores competentes, capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes...*”.

Como escreve Bakhtin (2010), a escrita é uma prática social, é por meio da produção textual que o sujeito consegue se manifestar, dando pontos de vista e assumindo sua palavra.

Portanto, para que o ensino seja bem realizado e os objetivos alcançados pelos alunos, inicialmente tem-se que, de alguma forma, buscar outras orientações pedagógicas para os professores, pois são eles a chave para o sucesso da escrita dos alunos, são eles que precisam compreender a essência do ensino-aprendizagem na sala de aula como prática social, para isso, possivelmente, novos materiais destinados à preparação de aulas deveriam ser desenvolvidos e, acima de tudo, as escolas deveriam, de fato, promover cursos formativos aos seus educadores.

1.2 O processo de escrita

Antes que prossigamos com nosso trabalho, entendemos que é importante esclarecer o que é escrita, como funciona esse processo comunicativo em cada indivíduo. Ao compreender esse recurso percebemos que é muito mais do que pôr no papel um propósito comunicativo, ou seja, expor sua ideia por meio de palavras.

Parece simples escrever, mas não é bem assim. Para que possamos de fato falar sobre o que é escrita, precisamos entender como funciona a língua, seu código. Destacamos aqui que esse código é formado por quatro campos, são eles: semântico, lexical, discursivo e gramatical, a partir daí observamos que:

“(...) a escrita, assim, é entendida como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo.” (KOCH & ELIAS, 2012, p. 33)

No ensino da escrita dentro da escola, os professores têm por compromisso fazer com que os alunos aprendam e apreendam o uso da escrita, e:

“...percebemos que o ensino de língua portuguesa está, em grande parte, vinculado a uma perspectiva gramatical que não envolve a realidade social do aluno em sua prática. As práticas voltam-se, predominantemente, para aspectos formais e estruturais, desconsiderando a natureza funcional e interativa da língua (MARCUSCHI, 2003). As atividades de leitura e escrita, quando realizadas, raramente ultrapassam os limites do ler e interpretar superficialmente o texto, ou do produzir um texto para o professor atribuir uma nota.”

Para tanto, têm de instruir os alunos em como usar esse magnífico instrumento, mostrando-lhes que escrita não é apenas afluência de palavras e sim concatenação de ideias, e para que haja, evidentemente, o aluno tem de entender para quê está usando a escrita, com qual objetivo, qual seu propósito comunicativo, conseqüentemente, diferenciar gênero de tipologia.

Como afirma Garcia (2010):

“...aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar, aprender a encontrar ideias e a concatená-las, pois, assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode transmitir o que a mente não criou ou não aprovionou”.

Tendo em vista as orientações do PCN, de que *um escritor/aluno competente é alguém que sabe reconhecer diferentes tipos de texto e escolher o apropriado a seus objetivos num determinado momento*, isso se dará quando o docente entender que, como diz Garcia (2010) *é preciso fornecer-lhes os meios de disciplinar o raciocínio, de estimular-lhes o espírito de observação dos fatos e ensiná-los a criar ou aprovionar ideias: ensinar, enfim, a pensar.*

Koch & Elias dão atenção à escrita discorrendo sobre três formas: a escrita que predomina a preocupação com o sistema da língua:

“...uma concepção de linguagem como um sistema pronto, acabado, devendo o escritor se apropriar desse sistema e de suas regras (...) ,o que está escrito é o que deve ser entendido em uma visão situada não além nem aquém da linearidade, mas centrada na linearidade.”

A escrita que transfere para o texto apenas a visão do escritor:

“... a escrita, assim, é entendida como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo.”

E por fim a escrita que prioriza a interação entre os interlocutores:

“... a escrita que é vista como produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias. Isso significa dizer que o produtor, de forma não linear, “pensa” no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio interacional.”

Mediante a linha de pesquisa desenvolvida por nós neste trabalho, entendemos que para e redigir um bom texto é necessário o uso da última abordagem da escrita citada, ou seja, aquela comunicação verbal que exige dos interlocutores a ativação de conhecimentos, como o conhecimento linguístico (“...conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico...”),

conhecimento enciclopédico (“..conhecimentos sobre coisas do mundo que se encontram armazenados em nossa memória...”), conhecimento de textos (“...modelos de práticas comunicativas, além de aspectos do conteúdo, estilo, função e suporte de veiculação.”) e conhecimentos interacionais (“configura na escrita a sua intenção, possibilitando o leitor reconhecer o objetivo ou propósito pretendido no quadro interacional desenhado”).

A modalidade escrita, na construção da comunicação verbal, espera do escritor o conhecimento sobre o tipo de texto a ser usado nas mais diversas situações. Koch & Elias (2012) explicam que para haver interação é muito importante escolher o gênero adequado, seguir o estilo, o plano composicional, o conteúdo dos gêneros e a adaptação do tipo textual.

Entendida a concepção de escrita e a necessidade da interação entre os interlocutores para se produzir uma produção textual conforme orientações didáticas passaremos então a tratar do ensino-aprendizagem da produção textual.

1.3 O ensino-aprendizagem da Produção Textual

O ensino de produção textual há tempos tem carregado suas dificuldades. Não precisamos voltar muito no tempo, se pensarmos no ensino da escrita por volta das décadas de 80 e 90 conseguiremos nos lembrar dos textos usados para leitura, um jogo de frases soltas com o objetivo de fazer-nos aprender tanto a leitura quanto a escrita.

O que não se tinha claro era que já chegávamos na escola elaborando textos. Enfim, o que entendemos dessa situação é que os estudos ainda não falavam em textos orais e escritos, muito menos nas perspectivas de um texto ou de como trabalhá-lo, isto é, não importava a criança dominar a linguagem oral, na escola o único objetivo era fazê-la adquirir a competência escrita, por isso de tantos cadernos de caligrafia, repetições de frases soltas, junções de sílabas etc., e, embora houvesse a preocupação em preparar escritores, não trabalhavam o para quê de saber escrever, como escrever e quais recursos utilizar.

Dando um pequeno salto no tempo encontramos atualmente, em diversas literaturas, o avanço da Linguística Textual, o tratamento que dá ao

texto fazendo-nos perceber que vai além de um emaranhado de frases. Hoje, já se prega o uso e o ensino de textos orais e escritos e como formatá-los, como diz Bakhtin, precisa pensar no plano composicional; há a necessidade de se pensar também no propósito comunicativo, quer dizer, qual a ideia que se quer passar e, por fim compreender e fazer uso dos gêneros textuais. Embora haja preocupação para que trabalhemos o ensino da escrita por meio de gêneros, orientação que está nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ainda assim percebemos uma imensurável dificuldade por parte de muitos professores de Língua Portuguesa com essa perspectiva de ensino.

Podemos notar que muitos desses profissionais têm a preocupação de ensinar o aluno a ler e a escrever, quando no contrário precisam desenvolver a competência da comunicação; uma vez que já “dominam” a língua, precisam os discentes compreender como usá-la e quando usá-la.

Logo, vemos que o problema se instaura em como trabalhar o texto em seus aspectos textuais e discursivos e não só se preocupando com a sintaxe, como, tão tristemente, podemos observar.

1.4 Dualidade textual

Para nós professores o principal material de trabalho é o texto. Cabe-nos aqui fazer um breve esclarecimento sobre o texto e o discurso, uma vez que não podem ser equiparados.

Muito se tem discutido acerca de texto e discurso, as linhas de pesquisas são vastas, alguns teóricos dizem que ambos são sinônimos, outros afirmam que o texto é uma forma comunicativa, podendo ser uma música, um poema etc. e que o discurso é a contextualização de textos, ou seja, temos de nos preocupar com os interlocutores, o contexto e sua coerência.

Indusrky (2006) menciona que na antiguidade Grega já se falava de Texto e Discurso. Diz que para Quintiliano a gramática era a arte de bem falar e escrever. De acordo com ela, antigamente, para os gramáticos, texto era um conjunto de frases, que por sua vez encadeadas formavam-se períodos e, estes se transformavam em texto.

Com intuito de abordar o assunto além da visão de Quintiliano a autora recorreu a Saussure, Jakobson e Hjelmslev, sendo que os dois últimos começam a tratar texto como uma estrutura sintagmática, que é tido como uma manifestação estruturada; neste caso, para chegar ao conceito de texto fez-se necessário o uso das abordagens Estruturalista e Gerativista, aqui já mencionadas.

A autora deixa de lado o sentido do texto como encadeamento de frases e passa a analisá-lo dentro das vertentes: Linguística Textual, Teoria da Enunciação, Semiótica e Análise do Discurso.

Para a Linguística Textual, o objetivo é entender as regularidades que transcendem a frase, ou seja, ir além dos elementos descritivos dela. Segundo os linguistas, para o texto ser uma sintaxe textual é necessário apresentar carga semântica, usar da pragmática, nesse caso, ter em si fatores importantes conhecidos como Fatores de Textualidade. São eles: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, argumentatividade e aceitabilidade. Em virtude disso tem-se o discurso. Reafirmamos que texto não pode ser um amontoado de frases, mas sim um conjunto organizado, no qual é possível identificar partes e estabelecer relações entre essas partes e os elementos que a compõem. Os fatores citados são esses elementos que fazem o texto se diferenciar de um simples agrupamento de palavras e são eles que dão sentido ao texto.

Com relação aos fatos apresentados, segundo Brandão (2011), o ensino da linguagem está centrado no texto e, para estudá-lo precisou, ao longo dos anos de estudos, tentar encontrar ou dividir as várias nuances do texto, ou seja, dificilmente um texto apresenta somente descrições ou narrações ou dissertações puras, embora haja uma estrutura dominante, um esquema fundamental. Com isso a primeira questão abordada foram as tipologias linguísticas, como seguem:

- as tipologias funcionais, fundadas sobre o estudo e funções dos discursos (na perspectiva de Buhler e Jakobson, 1963);
- as tipologias enunciativas que tratam principalmente da influência das condições de enunciação (interlocutores, lugar e tempo) sobre a organização discursiva (aqui se incluem os modelos inspirados por Benveniste, 1966, e o trabalho de Bronckart et al., 1985);

- as tipologias cognitivas, que tratam principalmente da organização cognitiva, pré-linguística, subjacente à organização de certas sequências – narrativa, descritiva etc. (neste grupo estaria o modelo de Adam, 1987);
- as tipologias sociointeracionista de Bakhtin (1992).

A título de explicação, discorreremos em poucas palavras sobre a tipologia de Bakhtin, pois essa foi inspiração para a tipologia aderida em nossa pesquisa.

Segundo Bakhtin,

“...todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Para o escritor, a língua se apresenta como enunciados (orais e escritos) tendo um conteúdo temático, o estilo e uma construção composicional. Embora cada enunciado seja particular, dentro de uma esfera são relativamente estáveis, conhecidos como gêneros do discurso.”

A atual concepção estudada por Marcuschi e internalizada por nós como gênero textual, o que se diferencia de Adam (apud Brandão, 2011) que aborda tipos textuais. Bakhtin e Marcuschi abordam toda a composição do enunciado, já Adam trata apenas da estrutura do enunciado. Ainda, segundo Bakhtin, *quando o indivíduo tem contato com o texto, ele visualiza o texto como um todo usando o conhecimento que obteve em suas relações de linguagem.*

Para os moldes deste trabalho, nos ateremos também às tipologias cognitivas que, segundo Adam (apud Brandão, 2011) possui cinco tipos de estruturas sequenciais de base: narração, descrição, argumentação, explicação e diálogo. Escolhemos essa sequência, pois pretendemos, posteriormente, enfatizar o trabalho dos gêneros juntamente com a narração, mostrar a falta de jeito dos educadores ao denominar a narração como gênero.

1.5 Tipologias textuais

Embora tenhamos citado Adam, para melhor explicar sobre as tipologias textuais traremos aqui Marcuschi (2012) que diz:

“...Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito

mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar *tipos textuais* é limitado e sem tendência a aumentar...”

Os materiais didáticos e o ensino de produção textual há tempos eram embasados apenas sobre qual tipo escrever, ou seja, se deveria redigir um texto narrativo, descritivo etc.; como já dito anteriormente, não víamos a preocupação, embora o assunto seja datado de longa data, de saber qual o gênero que se escrevia.

Daremos mais detalhes das tipologias textuais, principalmente, aquela que nos interessa, no próximo capítulo, onde discorreremos sobre as aparentes dificuldades dos professores, seu domínio e maneira de ensinar o assunto e, ainda, como de fato deve ser o trabalho segundo os manuais.

1.6 Gêneros textuais

Entendemos que o bom escritor é aquele que tem o domínio da escrita, ou seja, ao redigir, não o faz por fazer, nessa ação ele tem definido o que relatar, como distribuir as palavras e, primordialmente, para quem escreve. Logo, saberá escolher qual o melhor modelo para representá-lo.

Segundo Bakhtin,

“todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...). o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operadora nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais - mas também, e sobretudo, por sua construção composicional.”

Portanto, nesse processo de produção textual seguindo um modelo *relativamente estável* chegamos a confecção do gênero textual.

1.7. Proposta Curricular do Estado de São Paulo

Ao explorarmos tanto a Proposta Curricular quanto o caderno do Professor percebemos que existe uma vasta preocupação em inserir o aluno na sociedade em que vive tendo domínio de suas capacidades de fala e escrita.

Segundo o que lemos:

“...conhecer é o ato cognitivo de compreender e transformar a si e ao mundo em que vivemos, construindo relações entre os diversos significados de uma mesma ideia ou fato...”

A intenção da proposta é fazer-nos, leitores e professores, entendermos que o ensino de Língua Portuguesa, em toda a sua complexidade, deve ser trabalhada dentro do texto, pois somente nesta perspectiva é que se conseguirá atingir as metas que são de desenvolver habilidades não só de fenômenos linguísticos e literários.

Embora nosso foco seja a 5º série / 6º ano do ensino fundamental II, cabe-nos compartilhar com nossos leitores que, na Proposta, todo o ensino desse ciclo é fragmentado em quatro eixos:

- 1º bimestre: tipologias textuais e gêneros textuais;
- 2º bimestre: tipologias textuais e gêneros textuais;
- 3º bimestre: texto, discurso e história;
- 4º bimestre: texto, discurso e história.

Quanto às tipologias, elas orientam os discentes em relação à organização interna básica do texto, nesse caso, discernir o narrar, relatar, prescrever, expor e argumentar. Conseqüentemente, entra o trabalho com os gêneros textuais, a partir da tipologia abordada naquele ano o aluno desenvolve os modelos que inserem as tipologias. Já nos demais eixos trabalha-se com a junção das tipologias e gêneros presentes na sociedade.

Finalizando este capítulo, o foco da nossa pesquisa será o Gênero Textual Conto, obedecendo todas as características da Narração e sua estrutura: a exposição, a complicação, o clímax e o desfecho.

CAPÍTULO II

A TIPOLOGIA TEXTUAL NARRAÇÃO E SUA DISSEMELHANÇA COM OS GÊNEROS TEXTUAIS

2.0 Introdução

Este capítulo tem como objetivo específico esclarecer as diferenças entre tipologia e gênero textual, conceitos frequentemente confundidos pelos ensinantes ao ministrar suas aulas. Sabe-se que há uma dificuldade generalizada com a língua portuguesa em diversos níveis escolares dos aprendentes-ensinantes. O problema não é exclusivo da escola pública, ocorre, também, nas escolas particulares, no entanto, por questões sociais, é na rede pública de ensino que se instala a maior incidência de dificuldades, sobretudo quando o conteúdo é gramatical e quando a norma padrão é ensinada.

2.1. Tipologias Textuais

Para que possamos interagir socialmente precisamos, como já tratado, lançar mão de um gênero textual capaz de traduzir nosso propósito comunicativo, no entanto, a estrutura dele será baseada em elementos sintáticos e lexicais, o que caracterizará um tipo textual.

Segundo literaturas, a primeira aparição das tipologias concentrou-se na gramática do texto, com aspectos estritamente linguísticos; já na segunda manifestação tinha a função de identificar classes de textos.

Atualmente, vemos muitas teorias que abrangem tipologia textual, exemplo é o Marcuschi (2012) que denomina como sendo uma composição de sequência linguística, ou seja, “*aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo*”. Para o autor são tidos como “modos textuais” e podem aparecer simultaneamente em um gênero textual, porém com a predominância de apenas um.

Os tipos textuais, bem diferentes do gênero, são contáveis e finitos, formados pela (a)injunção, (b)argumentação, (c)exposição, (d)descrição e (e)

narração e entendemos, segundo o Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras, que:

(a) injunção é *“imposição ou obrigação que recai (sobre alguém) por força das circunstâncias e cujo cumprimento não pode ser desatendido”*;

(b) argumentação é *“ato ou efeito de argumentar, conjunto de argumentos”*;

(c) exposição é *“ato ou efeito de expor (-se), explanação, oral ou escrita, palestra”*;

(d) descrição é *“ato ou efeito de descrever”*;

(e) narração é *“ato ou efeito de narrar um fato ou uma história, real ou fictícia, oralmente ou por escrito”*.

Segundo Marcuschi em seu texto “Gêneros textuais: definição e funcionalidade” o autor faz uma síntese esclarecendo a dissemelhança entre tipologia e gênero textual, como podemos verificar:

“TIPOS TEXTUAIS

1. constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;
2. constituem sequências linguísticas ou seqüências de enunciados e não são textos empíricos;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.

GÊNEROS TEXTUAIS

1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta, eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc. “

Embora para nós seja inequívoco tipo textual e gênero textual, ainda é passível de confusão o uso de ambos e, para que se fique claro trouxemos o

exemplo usado por Marcuschi (2012), no fim do capítulo, onde temos claro o uso do gênero carta pessoal e os tipos textuais que por sua vez podem se relacionar.

2.2. Gêneros Textuais

Em primeiro lugar, é importante lembrar de que os estudos de gêneros não é um objeto novo de investigação, pois desde o período aristotélico esse assunto já preenchia a mente dos estudiosos, mas o conceito de gênero estava vinculado à literatura, diferente da concepção atual como bem afirma Marcuschi (2012).

O filósofo da linguagem Michael Bakhtin (2010) inicia a investigação sobre a questão do gênero por um novo olhar. Ele irá conceituar gênero como gênero discursivo porque se relaciona com os textos orais e escritos que representam a intenção comunicativa de uma esfera social e são considerados relativamente estáveis, pois ambos apresentam estruturas identificáveis na situação de contexto como forma de organização da esfera em que se insere, segundo ele:

“O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns.”

Assim, ocorre à materialização da linguagem por meio de uma estrutura relativamente fixa, isto é, apresenta movimentos recorrentes conforme coloca Swales segundo o artigo, *A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais* por Hemais e Rodrigues (2005) logo, os gêneros discursivos moldam as interações sociais e estabelecem um sistema de hierarquia e poder. Um indivíduo só terá acesso à determinada esfera social se conhecer os gêneros discursivos orais ou escritos produzidos por ela, do contrário será excluído.

Além disso, os gêneros evoluem e se desenvolvem por conta das necessidades estabelecidas por uma determinada época, Bakhtin (2010) diz que:

“...são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero.”

Desse modo, pode-se afirmar que é a necessidade social que produz um novo gênero ou transforma em outro com objetivo de atender a interação e comunicação social.

Para Swales, o conceito de gênero está alinhado com outros teóricos que consideram o contexto do discurso. Assim ele concebe gênero como uma ação social com finalidades, tendo como base as ideias de Miller. Partindo deste pressuposto de que gênero é uma ação social, irá forjar seu próprio conceito de gênero escrito, tendo como características: uma classe de eventos comunicativos, compartilhando propósitos comunicativos, possuem traços específicos, obedecem a um propósito que é reconhecido pela comunidade que dão nomes aos seus repertórios de gêneros, isto é, a cada tipo de texto. Também pressupõem modificações evolutivas.

O resultado das suas formulações foi o modelo cars, caminho a ser seguido para desenvolver um gênero textual, ou seja, o modelo pré-estabelecido pela sociedade, que teve como objetivo ajudar na prática pedagógica do ensino de gênero, pois por meio desse modelo podemos medir os movimentos retóricos dos gêneros por serem relativamente estáveis, conforme aponta Bakhtin (2010).

Esses teóricos, por sua vez, influenciam o discurso de Marcuschi (2012) que tem como base as concepções de Bakhtin. Nesse sentido, ele afirma que é impossível haver comunicação sem gênero ou textos, ambos se fundem para estabelecer a interação comunicativa. Logo, as atividades humanas se concretizam por meio da linguagem inserida em tipos de textos que apresentam estruturas que caracterizam determinados discursos de determinadas esferas sociais ou comunidades, no entanto, essas estruturas variam, como deixa claro Bakhtin que:

“...não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificada de modo particular na linguagem, temos de ver o gênero como entidades dinâmicas”.

Pensar em gênero é pensar em algo que se movimenta como um organismo vivo, pois a ação humana é que o dinamiza, ele organiza e sistematiza o universo do homem.

Ao referir-se sobre o conceito de discurso presente no gênero, Marcuschi (2012) quer dizer que trabalhamos com textos que passam por uma formação histórica e social, isto é, recheada de ideologias, pois: “...são entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdos”. No entanto, os tipos de textos surgem do funcionamento e organização discursiva específica e serão denominados gêneros porque são entidades, pois possui uma finalidade, se relacionam com uma comunidade discursiva e domínios discursivos, são recorrentes porque apresentam movimentos semelhantes e são relativamente estáveis por variar na estrutura.

Portanto, pode-se afirmar que o gênero é uma entidade de comunicação necessária para organizar a vida humana em suas mais variadas esferas sociais e que estão subordinada as exigências do contexto da sua época.

2.3. Gêneros no ensino

Nas últimas décadas o ensino em sala de aula tem tido como base o texto, inicialmente era abordado como um método para se aprender a língua oral/escrita e, para isso, trabalhavam-se apenas a estrutura do texto e suas regras gramaticais. Podemos perceber que não se tinha, ainda, uma preocupação ou conhecimento em ensinar de fato os aprendentes a terem subsídios para se comunicarem, não somente no ambiente escolar mais também em outras esferas, exemplo um ambiente profissional.

Foi pensando nessa questão que os programas curriculares começaram a desenvolver e disponibilizar às escolas e aos ensinantes teorias que ajudavam e até hoje ajudam na melhoria do ensino. Com essa nova proposta, os envolvidos na metodologia, passaram a ver o texto além de sua escrita/leitura, logo surgiu à questão de como ensinar a trabalhar com os diversos tipos de textos resultando no surgimento dos gêneros.

Junto aos gêneros apareceu a dificuldade de como abordar esse ensino em sala, uma vez que os educadores estavam habituados com o viés gramatical e, apesar da preocupação com a formação dos professores para o desenvolvimento da disciplina Língua Portuguesa era e é nítido aos nossos olhos, como já relatamos a mistura de ideias e confusão no momento em que havia e há a inserção do assunto nas escolas até o momento em que escrevemos esta pesquisa.

Como um de nossos objetivos é discorrer sobre um caminho a ser percorrido no processo de ensino da produção textual atrelado ao gênero, nos basearemos nas teorias e propostas de Scheneuwly&Dolz (2013) que abordam a temática com clareza.

Para os autores o processo de aprendizagem está baseado nas práticas de linguagem, pois *“essas implicam tanto dimensões sociais como cognitivas e linguísticas do funcionamento da linguagem numa situação de comunicação particular”* e atividades de linguagem que segundo eles implicam:

“...diversas capacidades da parte do sujeito: adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidades de ação), mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas) e dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas (capacidades linguístico – discursivas)”.

Então, a aprendizagem acontece simultaneamente entre as práticas e atividades de linguagem tendo como suporte o gênero desdobrado em escrito e oral.

Para que possamos abordar gêneros na escola esses teóricos apresentam um modelo de sequência didática que pode ser utilizada pelos ensinantes e que tem a *“finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor o gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”*.

O modelo de sequência didática é estruturada por uma apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final; embora tenhamos introduzido nesse capítulo, deixaremos para esmiuçar esse assunto no próximo item. Por ora, nos basta saber como os gêneros foram introduzidos no contexto escolar.

2.4. Gênero Textual: Conto

Achamos fundamental que nossos leitores conheçam de onde e como surgiu o gênero conto, portanto, discorreremos brevemente sobre essa evolução nas próximas linhas.

De acordo com pesquisas é impossível relatar uma data para o surgimento desse texto, temos apenas indícios de contos egípcios por volta de 4000 antes de Cristo, passando pelas literaturas greco-latinas, árabes, inglesas e o conto, embora datado do século X, conhecido mundialmente até os dias de hoje: as *Mil e uma noites*.

Quando apareceu o conto era usado apenas na forma oral, os contadores de histórias eram conhecidos por narrar com destreza o fato. E foi assim por um longo período, mesmo já falando das últimas décadas, que era contado para entreter as pessoas.

Cabe aqui fazer uma concisa advertência na questão de conto x relato, apesar de existir uma certa semelhança, essa não passa de ambas serem uma narração, como podemos observar em Gotlib (2006) quando diz:

“O contar (do latim *computare*) uma história, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as histórias, por escrito. Mas o contar não é simplesmente um relatar acontecimentos ou ações. Pois relatar implica que o acontecido seja trazido outra vez, isto é: re (outra vez) mais *latum* (trazido), que vem de *fero* (eu trago). Por vezes é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícia do acontecido.”

Portanto, o conto narra fatos tanto reais quanto fictícios, já no relato se reproduz um acontecimento vivido ou presenciado pelo narrador. Em suma, um relato é copiado e o conto é inventado.

Por ser produzida com doses de irrealidade a narrativa pode ser desmembrados em vários tipos, como contos fantásticos, de terror, religiosos, populares, de encantamento, maravilhosos entre outros.

Por ter uma temática varada e fazer parte, ora do oral ora da escrita é indispensável e louvável o trabalho do gênero em sala de aula e, por isso justificamos também nossa escolha dele para a pesquisa.

2.4.1 Estrutura do gênero conto

Como nosso intuito é abordar tipologia dentro do gênero conto, nos aprofundaremos apenas na estrutura sequencial narrativa. Então, pensemos hipoteticamente, que é solicitado ao aluno escrever um conto, ele parte de um acontecimento real e o narra achando ser o que foi solicitado, no entanto, sua produção nada mais é do que um mero relato, como afirma Siqueira (1992):

“...quando o fato se desenvolve a partir da criação de um conflito, temos uma narrativa; quando o fato se desenvolve por meio de uma simples sequência de ocorrências de factuais, temos um relato.”

A grande dificuldade por parte dos alunos é a compreensão da existência de um conflito e, conseqüentemente, a estrutura da narrativa. Segundo Siqueira (1992):

“...ao se criar um conflito espera-se uma solução que nem sempre pode partir da personagem que sofre e tem como finalidade passar algo ao leitor, como uma moral, um ensinamento, através de um gênero textual.”

A coerência da narrativa se dá, inicialmente, pela caracterização das personagens, o teórico chama de “*percursos narrativos*”, ou seja, a personagem e seus objetivos a alcançar, com isso cria-se a linearidade, a criação da expectativa, a quebra da expectativa: conflito, resolução do conflito e o desfecho.

De acordo com o autor, os episódios narrativos não ocorrem, obrigatoriamente, com a mesma personagem, tempo e local, e, por esse motivo podem causar alinearidade na narrativa.

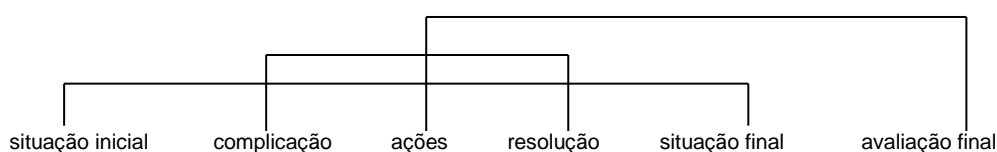
Ao descrever a organização textual da narrativa, ele diz que é comum encontrarmos um texto com prossequência temporal e jogo de causa e consequência imbricados, além claro, da presença de verbos de ação, recursos que dão coesão à narrativa; outro enriquecedor é o uso dos narradores – personagem e observador, e o diálogo, podendo ser discurso direto, indireto ou indireto livre.

Ainda, segundo Brandão (2011), a sequência narrativa é uma sequência de seis proposições que caminham para um fim, são elas:

1. necessidade de ao menos uma personagem garantindo a ação;
2. passagem de um estado para outro por conta de uma série de acontecimentos;
3. temporalidade, no entanto, tem de haver uma tensão para que a narrativa se encaminhe à uma situação final;
4. a construção de uma intriga;
5. lógica dos fatos, ou seja, coerência entre causa e consequência;
6. final com apelo avaliativo.

Logo, segundo a autora, teremos:

Sequência narrativa



Portanto, recapitulando, tipo textual se distingue de gênero textual, pois seu uso se baseia em construir caminhos, sejam eles sintáticos e/ou lexicais, para transmitir, por meio da narração, argumentação, injunção, descrição e exposição, um propósito comunicativo que tomará forma dentro de um gênero apropriado para cada situação.

Tendo em vista os aspectos observados, deixamos clara a sequência estrutural da narrativa, e, evidentemente, prosseguiremos com o estudo esclarecendo o uso da narrativa nos gênero textual conto.

Dada à apresentação da sequência da narrativa, vamos agora expor os elementos da estrutura do gênero conto, claramente ligados ao da narrativa. Lembramos que os tópicos que vamos apresentar aparecem de maneira pincelada, haja vista o pouco tempo para detalhar.

- **Exposição:** momento inicial da história onde é apresentado os fatos, iniciais, as personagens, em alguns casos, o tempo e o espaço; momento para situar o leitor sobre o que vai ler.
- **Complicação:** acontece em maior parte na narrativa, nesse instante desenvolve-se um conflito com apoio de forças auxiliares e opositoras.
- **Clímax:** é o momento de maior tensão, pois é quando o conflito chega ao ponto máximo.
- **Desfecho:** alcance de uma solução para o conflito sendo ela boa ou má.

Para que as informações não fiquem jogadas decidimos, então, já trazer a frente o poema que vamos utilizar para colocar em prática a teoria do ensino de tipologia e gênero textual, contudo, nesse capítulo apenas deixaremos em evidência o conto e seus elementos estruturais e, somente no capítulo seguinte traremos uma possível sequência didática para trabalharmos em sala de aula.

2.5. Conto A Bela e a Fera

A Bela e a Fera

Era uma vez um jovem príncipe que vivia no seu lindo castelo. Apesar de toda a sua riqueza ele era muito egoísta e não tinha amigos.

Numa noite chuvosa recebeu a visita de uma velhinha que lhe pediu abrigo só por aquela noite.

Com um enorme mau humor ele se recusou a ajudar à velhinha. Porém, o que ele não sabia é que aquela velhinha era uma bruxa disfarçada, que já ouvira diversas histórias sobre o egoísmo daquele jovem príncipe. Indignada com a sua atitude, ela lançou sobre ele um feitiço que o transformara numa fera horrível. Todos os seus criados haviam se transformado em objetos. O encanto só poderia ser desfeito se ele recebesse um beijo de amor.

Enquanto isso, numa vila distante dali, vivia um comerciante com sua filha chamada Bela. Eles eram pobres, mas muito felizes.

Bela adorava livros, histórias, vivia a contá-las para as crianças da vila. Seu pai, Maurício, era comerciante e viajava muito comparando e vendendo seus produtos diversos.

Um dia voltando de uma longa viagem, Maurício foi pego de surpresa por uma forte tempestade, passou em frente a um castelo que parecia abandonado e resolveu pedir acolhida. Bateu à porta, mas ninguém o atendeu. Como a porta do castelo estava aberta resolveu entrar se proteger da chuva. Acendeu a lareira e encontrou uma garrafa de vinho sobre a mesma. Após bebê-la acabou adormecendo. No dia seguinte uma Fera furiosa apareceu diante dele. Quis castigá-lo por invadir o seu castelo e assim, o fez prisioneiro.

A Fera decretou ao velho comerciante que este morreria por tal invasão. Aterrorizado, o pobre homem suplicou:

__ Deixa que me despeça da minha filha.

A Fera concedeu-lhe o pedido. De volta a sua casa, contou o ocorrido a sua filha. Sem medo, ela decidiu voltar ao palácio com o pai.

Uma vez no palácio da Fera, Bela tomou coragem e fez uma proposta:

- Deixa meu pai ir embora. Eu ficarei no lugar dele.

A Fera concordou, e o pobre comerciante foi embora desolado.

A jovem permaneceu com a Fera no castelo, mas não era mantida na prisão, podia ficar em um quarto ou na biblioteca, local que muito a agradava.

Bela tinha medo de morrer, mas percebia que a Fera a tratava bem a cada dia que passava.

Com o passar do tempo o monstro e a Bela foram ficando mais amigos. Ele se encantava com a forma que a moça via o mundo, as pessoas a natureza. Sentia que ela o via de uma forma diferente, além da sua aparência.

A Fera enfim havia se apaixonado, de verdade. Numa noite, ao jantarem, pediu-a em casamento. Bela não aceitou, mas ofereceu sua amizade.

Apesar da tristeza, a Fera, aceitou o desejo da Bela.

Bela, por sua vez, passava dias muito agradáveis no castelo, sentia-se bem lá, porém com muitas saudades do seu pobre pai.

Certo dia, Bela pediu permissão à Fera para visitar o seu pai.

- Voltarei logo - prometeu.

A Fera, que nada lhe podia negar, a deixou partir. Bela passou muitos dias cuidando de seu pai, que estava doente, tinha envelhecido de tristeza pensando que tinha perdido a filha para sempre.

Quando Bela retornou ao palácio, encontrou a Fera no chão meio morta de saudade por sua ausência. Então Bela soube o quanto era amada.

Bela se desesperou, também sentia um algo forte pela Fera. Amizade, amor compaixão.

- Não morras, caso-me contigo - disse-lhe chorando.

Comovida, a Bela beijou a Fera... e nesse momento o monstro transformou-se num belo príncipe. Enfim, o encanto havia se desfeito. A Fera encontrou alguém que o amava de verdade, além da sua aparência grotesca.

Mais em: <http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=27#ixzz3Pav8lh00>

CAPÍTULO III

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E SEUS PRECURSORES

3.0. Introdução

Neste capítulo será analisado o Conto A Bela e a Fera, extraído da internet, em que será apresentada a caracterização da sequência narrativa, ou seja, a percepção dos fenômenos tipológicos que ocorrem nesse tipo de gênero.

Abordaremos também como desenvolver uma sequência didática, traremos aqui o estudo desenvolvido por Scheneuwly e Dolz, teóricos franceses que tratam de como ensinar a língua por meio das sequências tanto orais quanto escritas.

3.1. O conto

A Bela e a Fera

Era uma vez um jovem príncipe que vivia no seu lindo castelo. Apesar de toda a sua riqueza ele era muito egoísta e não tinha amigos.

Numa noite chuvosa recebeu a visita de uma velhinha que lhe pediu abrigo só por aquela noite.

Com um enorme mau humor ele se recusou a ajudar à velhinha. Porém, o que ele não sabia é que aquela velhinha era uma bruxa disfarçada, que já ouvira diversas histórias sobre o egoísmo daquele jovem príncipe. Indignada com a sua atitude, ela lançou sobre ele um feitiço que o transformara numa fera horrível. Todos os seus criados haviam se transformado em objetos. O encanto só poderia ser desfeito se ele recebesse um beijo de amor.

Enquanto isso, numa vila distante dali, vivia um comerciante com sua filha chamada Bela. Eles eram pobres, mas muito felizes.

Bela adorava livros, histórias, vivia a contá-las para as crianças da vila. Seu pai, Maurício, era comerciante e viajava muito comparando e vendendo seus produtos diversos.

Um dia voltando de uma longa viagem, Maurício foi pego de surpresa por uma forte tempestade, passou em frente a um castelo que parecia abandonado e resolveu pedir acolhida. Bateu à porta, mas ninguém o atendeu. Como a porta do castelo estava aberta resolveu entrar se proteger da chuva. Acendeu a lareira e encontrou uma garrafa de vinho sobre a mesma. Após bebê-la acabou adormecendo. No dia seguinte uma Fera furiosa apareceu diante dele. Quis castigá-lo por invadir o seu castelo e assim, o fez prisioneiro.

A Fera decretou ao velho comerciante que este morreria por tal invasão. Aterrorizado, o pobre homem suplicou:

— Deixa que me despeça da minha filha.

A Fera concedeu-lhe o pedido. De volta a sua casa, contou o ocorrido a sua filha. Sem medo, ela decidiu voltar ao palácio com o pai.

Uma vez no palácio da Fera, Bela tomou coragem e fez uma proposta:

- Deixa meu pai ir embora. Eu ficarei no lugar dele.

A Fera concordou, e o pobre comerciante foi embora desolado.

A jovem permaneceu com a Fera no castelo, mas não era mantida na prisão, podia ficar em um quarto ou na biblioteca, local que muito a agradava.

Bela tinha medo de morrer, mas percebia que a Fera a tratava bem a cada dia que passava.

Com o passar do tempo o monstro e a Bela foram ficando mais amigos. Ele se encantava com a forma que a moça via o mundo, as pessoas a natureza. Sentia que ela o via de uma forma diferente, além da sua aparência.

A Fera enfim havia se apaixonado, de verdade. Numa noite, ao jantarem, pediu-a em casamento. Bela não aceitou, mas ofereceu sua amizade.

Apesar da tristeza, a Fera, aceitou o desejo da Bela.

Bela, por sua vez, passava dias muito agradáveis no castelo, sentia-se bem lá, porém com muitas saudades do seu pobre pai.

Certo dia, Bela pediu permissão à Fera para visitar o seu pai.

- Voltarei logo - prometeu.

A Fera, que nada lhe podia negar, a deixou partir. Bela passou muitos dias cuidando de seu pai, que estava doente, tinha envelhecido de tristeza pensando que tinha perdido a filha para sempre.

Quando Bela retornou ao palácio, encontrou a Fera no chão meio morta de saudade por sua ausência. Então Bela soube o quanto era amada.

Bela se desesperou, também sentia um algo forte pela Fera. Amizade, amor compaixão.

- Não morras, caso-me contigo - disse-lhe chorando.

Comovida, a Bela beijou a Fera... E nesse momento o monstro transformou-se num belo príncipe. Enfim, o encanto havia se desfeito. A Fera encontrou alguém que o amava de verdade além da sua aparência grotesca.

3.2. Análise do Conto a Bela e a Fera

Diante do conto exibido, agora faremos a análise para encontrar os elementos que constituem a sequência narrativa e concomitantemente os elementos do gênero. Repetimos que por ser um trabalho direcionado a alunos da escola básica, não nos ateremos as peculiaridades de cada tópico, contudo, não estamos afirmando que não possa ser trabalhado, pelo contrário, seria muito interessante, no entanto aconselhável que fora da análise.

A Bela e a Fera

Era uma vez um jovem príncipe que vivia no seu lindo castelo. Apesar de toda a sua riqueza ele era muito egoísta e não tinha amigos.

Numa noite chuvosa recebeu a visita de uma velhinha que lhe pediu abrigo só por aquela noite.

Com um enorme mau humor ele se recusou a ajudar à velhinha. Porém, o que ele não sabia é que aquela velhinha era uma bruxa disfarçada, que já ouvira diversas histórias sobre o egoísmo daquele jovem príncipe. Indignada

com a sua atitude, ela lançou sobre ele um feitiço que o transformara numa fera horrível. Todos os seus criados haviam se transformado em objetos. O encanto só poderia ser desfeito se ele recebesse um beijo de amor.

Enquanto isso, numa vila distante dali, vivia um comerciante com sua filha chamada Bela. Eles eram pobres, mas muito felizes.

Bela adorava livros, histórias, vivia a contá-las para as crianças da vila. Seu pai, Maurício, era comerciante e viajava muito comparando e vendendo seus produtos diversos.

Um dia voltando de uma longa viagem, Maurício foi pego de surpresa por uma forte tempestade, passou em frente a um castelo que parecia abandonado e resolveu pedir acolhida. Bateu à porta, mas ninguém o atendeu. Como a porta do castelo estava aberta resolveu entrar se proteger da chuva. Acendeu a lareira e encontrou uma garrafa de vinho sobre a mesma. Após bebê-la acabou adormecendo. No dia seguinte uma Fera furiosa apareceu diante dele. Quis castigá-lo por invadir o seu castelo e assim, o fez prisioneiro.

A Fera decretou ao velho comerciante que este morreria por tal invasão. Aterrorizado, o pobre homem suplicou:

— Deixa que me despeça da minha filha.

A Fera concedeu-lhe o pedido. De volta a sua casa, contou o ocorrido a sua filha. Sem medo, ela decidiu voltar ao palácio com o pai.

Uma vez no palácio da Fera, Bela tomou coragem e fez uma proposta:

- Deixa meu pai ir embora. Eu ficarei no lugar dele.

A Fera concordou, e o pobre comerciante foi embora desolado.

A jovem permaneceu com a Fera no castelo, mas não era mantida na prisão, podia ficar em um quarto ou na biblioteca, local que muito a agradava.

Bela tinha medo de morrer, mas percebia que a Fera a tratava bem a cada dia que passava.

Com o passar do tempo o monstro e a Bela foram ficando mais amigos. Ele se encantava com a forma que a moça via o mundo, as pessoas a natureza. Sentia que ela o via de uma forma diferente, além da sua aparência.

A Fera enfim havia se apaixonado, de verdade. Numa noite, ao jantarem, pediu-a em casamento. Bela não aceitou, mas ofereceu sua amizade.

Apesar da tristeza, a Fera, aceitou o desejo da Bela.

Bela, por sua vez, passava dias muito agradáveis no castelo, sentia-se bem lá, porém com muitas saudades do seu pobre pai.

Certo dia, Bela pediu permissão à Fera para visitar o seu pai.

- Voltarei logo - prometeu.

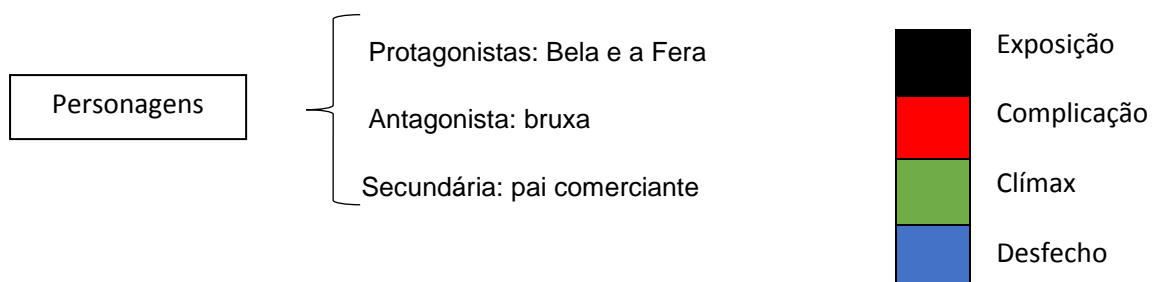
A Fera, que nada lhe podia negar, a deixou partir. Bela passou muitos dias cuidando de seu pai, que estava doente, tinha envelhecido de tristeza pensando que tinha perdido a filha para sempre.

Quando Bela retornou ao palácio, encontrou a Fera no chão meio morta de saudade por sua ausência. Então Bela soube o quanto era amada.

Bela se desesperou, também sentia um algo forte pela Fera. Amizade, amor compaixão.

- Não morras, caso-me contigo - disse-lhe chorando.

Comovida, a Bela beijou a Fera... E nesse momento o monstro transformou-se num belo príncipe. Enfim, o encanto havia se desfeito. A Fera encontrou alguém que o amava de verdade além da sua aparência grotesca.



Decidimos por fazer a análise separando as partes com cores para que a visualização fosse melhor, como já detalhado no gráfico a parte destacada de preto é a exposição ou introdução, de vermelho a complicação da narração, de laranja o momento em que acontece o estopim ou clímax e, por fim, de azul, o desfecho ou solução encontrada. Ainda, demonstramos a divisão das personagens, pois é separado por protagonista, lado bom, por antagonista, lado ruim e secundário que diz respeito a outros personagens. Esclarecemos que a análise feita é bastante simples, pois o interesse é mostrar aos alunos as partes da narração, no entanto, dentro da sequência didática apontaremos como trabalhar outras questões.

3.3 A prática escolar alicerçada em gêneros textuais

Como bem já discutimos nesse trabalho, o ensino da língua deve ser desenvolvido a partir da vivência do aprendiz, ou seja, para que possamos fazê-lo compreender e apreender a melhor maneira de interagir com a sociedade, ainda mais, para que saia da escola preparado para as relações sociais e o ambiente profissional, é necessário que o mesmo tenha acesso e pleno entendimento aos conhecimentos, principalmente, linguísticos e seja coerente em suas produções tanto orais quanto escritas. Para tanto, o aluno só absorverá tal ensinamento se esse for passado de forma clara e concisa, abarcando os diversos tipos de textos distribuídos nos variados gêneros textuais disponibilizados. Afirmam Scheneuwly e Dolz (2013) *que o gênero é que é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos.*

Evidentemente *as práticas de linguagem implicam tanto dimensões sociais como cognitivas e linguísticas do funcionamento da linguagem numa situação de comunicação particular*, logo o autor aqui tomado pelo aluno deverá adaptar seu discurso ao contexto, aliar-se de modelos discursivos apropriados e, por fim, atentar-se ao uso dos aspectos linguísticos.

Ao ficar compreendido por parte do ensinante que seu trabalho deverá ser pautado sob e sobre gêneros textuais, isto é, *ajudar o aluno a dominar*

melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação, caberá a ele fazer a escolha da melhor metodologia para atingir uma melhor eficácia. Portanto, introduziremos a partir de agora as ideias dos franceses para tentar dirimir eventuais dúvidas docentes.

3.4. Como entender e preparar uma sequência

Scheneuwly e Dolz (2013) nos apresenta um modelo muito satisfatório para desenvolver uma sequência didática e, antes que iniciemos as explicações apresentamos esse modelo:

Apresentação da Situação

Produção inicial

Módulo 1

Módulo 2

Módulo 3

Produção final

Entendamos então passo a passo cada uma das partes. Os pesquisadores nos alerta, leitores da obra, que, para iniciarmos uma sequência é necessário de antemão que conversemos com nossa turma e apresentemos o assunto a ser trabalhado, em nosso caso o gênero textual conto. Nesse caso, desenvolver algo como uma roda de conversa sobre o tema, averiguar quais conhecimentos todos têm e, de maneira geral, explicar as características e estrutura.

Uma vez esclarecido o que será trabalhado, seguir solicitando a produção inicial, cada aluno deverá redigir seu conto sem esquecer as características do gênero. Esse passo é um dos mais importantes, como afirmam Scheneuwly e Dolz ele:

“...permite circunscrever as capacidades de que os alunos já dispõem e, conseqüentemente, suas potencialidades. É assim que se definem o ponto preciso em que o professor pode intervir melhor e o caminho que o aluno tem ainda a percorrer...”

Com a produção inicial o docente faz uma correção minuciosa, no entanto, verificando apenas os critérios que condizem com a formação estrutural de uma narrativa, aspectos ortográficos e gramaticais são descartados a priori. Destacadas as dificuldades o próximo passo será preparar os módulos baseados em cada uma delas. O modo como às atividades serão ministradas é sempre escolha do professor; a separação dos alunos, segundo os autores franceses, fica por conta do mesmo, ou seja, caberá a ele separar a sala em grupos, duplas ou trabalhar individual, importando somente o desenrolar da sequência visando o aprimoramento de todos os alunos.

Para montarmos os módulos temos de nos atermos aos problemas relativos a vários níveis de funcionamento, e, a partir da psicologia da linguagem distingui-los. Esses níveis são: a) representação da situação de comunicação – aqui o aluno deve compreender para quem escreve, sua posição como autor e o gênero usado; b) elaboração de conteúdos – usar da intertextualidade para o bom desenvolvimento da informatividade; c) planejamento do texto – estruturar o texto conforme sua finalidade; e d) realização do texto – lançar mão dos aspectos linguísticos adequados para tornar eficaz a escrita do discurso.

Em síntese, esses níveis significam que o aluno precisará ter definido qual seu papel de autor, qual a finalidade de seu texto, quem será seu interlocutor e, finalmente, qual gênero usará. Para conseguir atingir seu propósito comunicativo precisa conhecer maneiras para abarcar conteúdos. Ao estruturar o texto saber qual a estrutura convencional. E, ao fim, fazer a opção dos melhores aspectos linguísticos.

A fim de atingirmos os objetivos, interessante também é variar o trabalho, os autores europeus dizem que para isso pode existir três categorias de exercícios: as atividades de observação e de análise de textos, as tarefas simplificadas de produção de textos e elaboração de uma linguagem comum.

Finalizado o trabalho nos módulos, acreditamos que os discentes sejam capazes de produzirem a produção final, ou seja, momento de pôr em prática

todo o conhecimento adquirido no processo, como apresentam os autores é o momento de:

“...fazer com que cada aluno se aproprie dos instrumentos e noções propostas (...), que transforme o modo de falar e escrever com a consciência de seu comportamento de linguagem em todos os níveis, ou seja, o que é “dizível” através de estruturas textuais...”

Para que possamos continuar esclarecemos que a apresentação do modelo de sequência didática supra cima é bem singela, cabendo aos interessados consultar a obra aqui utilizada para um melhor aproveitamento, haja vista que lá poderão encontrar sugestões também sobre trabalhar ortografia, questões gramaticais e de sintaxe, além, claro, de modo de avaliação.

Agora chegamos ao momento crucial de nossa pesquisa, de uma forma bem modesta apresentaremos uma sequência didática, apresentada por uma escola estadual, cujo endereço eletrônico encontra-se na página de referências, com o otimismo de galgar nos interessados e ensinantes uma maneira simples de trabalhar o gênero conto e a tipologia narração sem que sejam confundidos.

1º. MÓDULO – RECONHECENDO A ORGANIZAÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO CONTO

RESGATANDO O CONHECIMENTO COTIDIANO

Preparando a leitura:

- a. Você gosta de ler?
- b. Você já leu ou gosta de ler contos? Se sim, quais você já leu?
- c. Você sabe quais são os tipos de contos?
- d. Você conhece, por exemplo, os contos Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve?
- e. Você conhece um conto em que a personagem fica presa em uma torre e tem uma trança enorme?
- f. Como são, normalmente, as personagens dos contos citados?
- g. Dos contos que você conhece que personagem você gostaria de ser? Por quê?
- h. Você já ouviu falar ou conhece o conto Histórias para o Rei?
- i. Se sim, o que você achou deste conto quando leu?

PARTE A - CONSTRUINDO OS SENTIDOS DO TEXTO

Leia o texto abaixo e responda as perguntas.

Histórias para o Rei

Nunca podia imaginar que fosse tão agradável a função de contar histórias, para a qual fui nomeado por decreto do Rei. A nomeação colheu-me de surpresa, pois jamais exercitara dotes de imaginação, e até me exprimo com certa dificuldade verbal. Mas bastou que o rei confiasse em mim para que as histórias me jorrassem da boca à maneira de água corrente. Nem carecia inventá-las. Inventavam-se a si mesmas.

Este prazer durou seis meses. Um dia, a Rainha foi falar ao Rei que eu estava exagerando. Contava tantas histórias que não havia tempo para apreciá-las, e mesmo para ouvi-las. O Rei, que julgava minha facúndia uma qualidade, passou a considerá-la um defeito, e ordenou que eu só contasse

meia história por dia, e descansasse aos domingos. Fiquei triste, pois não sabia inventar meia história. Minha insuficiência desagradou, e fui substituído por um mudo, que narra por meio de sinais, e arranca os maiores aplausos.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Histórias para o Rei. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Entendendo elementos contextuais.

- 1) Quem é o autor do texto?
- 2) Quando o texto foi escrito?
- 3) Para quem você acha que o texto foi escrito?
- 4) Que outras pessoas poderiam ler um texto como este?
- 5) Para que você acha que o texto foi escrito? Ou seja, qual é o objetivo do texto?
- 6) Onde podemos encontrar um texto como este?
- 7) Onde este texto foi publicado? É possível reconhecer isto no texto?

Entendendo a organização da história e como ela pode ser escrita.

- 1) Leia o texto novamente e faça as atividades abaixo.
 - a. Quantos parágrafos há no texto?
 - b. Que tipos de informações aparecem em cada parágrafo?
 - 1º. Parágrafo:
 - 2º. Parágrafo:
 - c. Quem participa da história ou a quem a história se refere?
 - d. A história é contada por alguém? Quem?
 - e. Onde a história acontece?
 - f. Quando a história acontece?
 - g. Que palavras mostram o tempo em que acontece a história?
 - h. Como a história se inicia?
 - i. Qual é a situação problema da história?

j. Como a história termina ou como o personagem resolve o problema na história?

2) Volte ao texto e relacione as informações de acordo com cada parágrafo:

1º. Parágrafo

2º. Parágrafo

() A rainha reclamou ao rei que o contador de histórias estava exagerando e este foi substituído por um mudo.

() O personagem é convidado a narrar histórias para o rei.

() A confiança do rei fez com que a personagem desenvolvesse a habilidade de contar histórias.

() O personagem ficou muito triste ao ver sua qualidade se tornar um defeito.

3) Você saberia dizer por que a palavra “pois” está sendo usada nas linhas 2 e 9 no texto? Ela está sendo usada para fazer o que no texto?

4) E qual o sentido da palavra “mas” na linha 3? Por que ela está sendo usada ali?

5) Você acha que a história está sendo contada em um tempo presente, passado ou futuro?

6) Como podemos reconhecer isto? Identifique cinco palavras que podem nos mostrar em que tempo a história está sendo contada.

7) Vamos identificar quais os tempos verbais que aparecem na história para melhor entendermos em que tempo ela é contada. Identifique no texto e copie abaixo os verbos que pertencem a cada tempo diferente:

TEMPO PRESENTE	TEMPO PASSADO	OUTROS

8) Como podemos identificar as ações ocorridas em uma história? Pelos verbos, pois a maioria dos verbos são palavras que indicam ação nos textos. Para relacionarmos as ações acontecidas na história às personagens, identifique as palavras correspondentes às ações de cada personagem:

PERSONAGEM	AÇÕES
O narrador (1ª. Pessoa do singular, eu)	
O Rei (3ª. Pessoa do singular)	
A Rainha (3ª. Pessoa do singular)	
O mudo (3ª. Pessoa do singular)	

9) Quais outras palavras fazem uma referência aos personagens?

PERSONAGEM	OUTROS TERMOS
O narrador (1ª Pessoa do singular, eu)	
O Rei (3ª. Pessoa do singular)	
A Rainha (3ª. Pessoa do singular)	
O mudo (3ª. Pessoa do singular)	

10) Qual voz aparece mais no texto? Por quê?

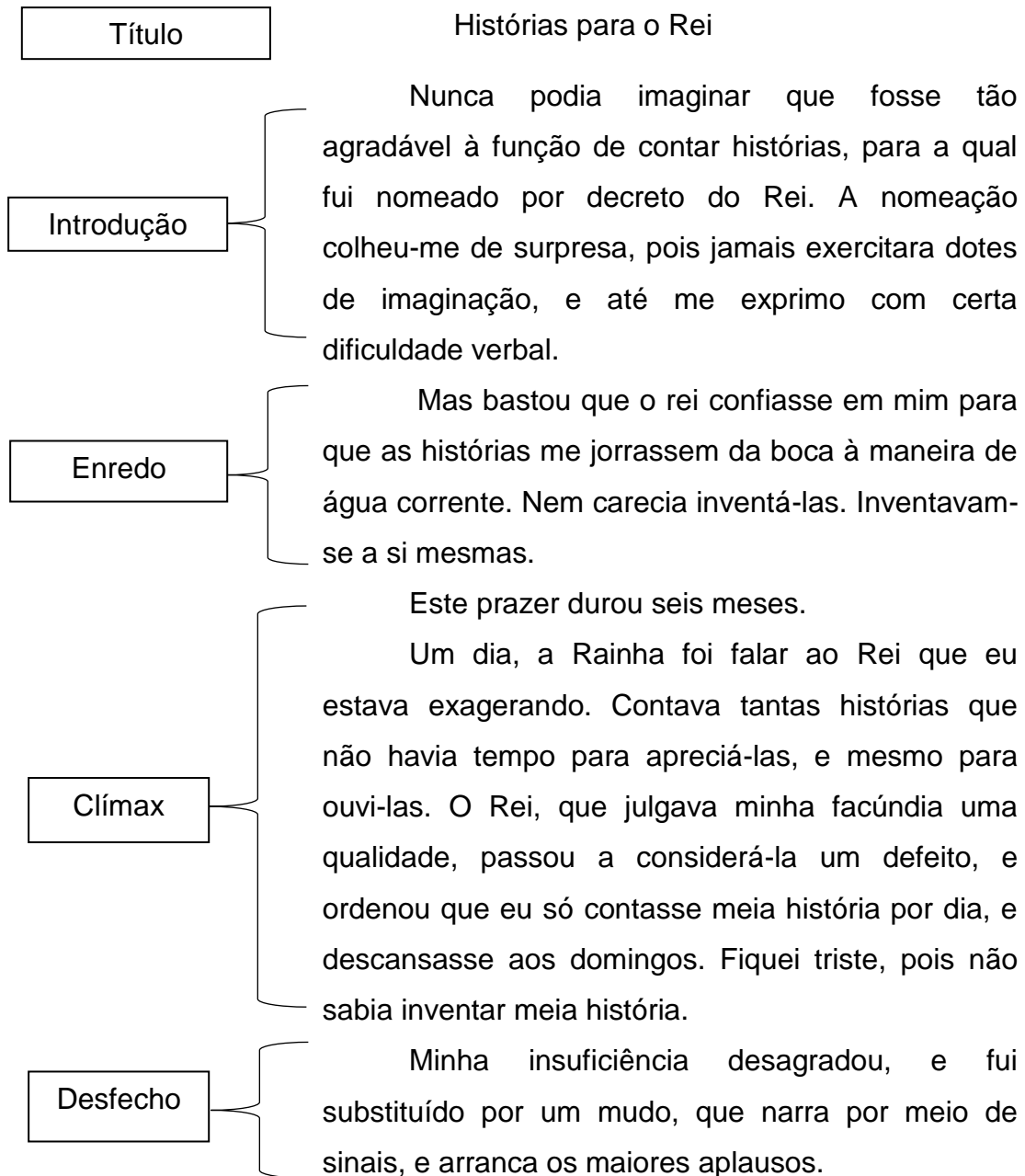
11) Você concorda com o desfecho da história? Por quê?

12) Se você pudesse daria um outro fim à história? Por quê?

13) Que outro fim você daria à história? Justifique sua opinião.

PARTE B - ENTENDENDO A ORGANIZAÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO CONTO

1- Leia o texto abaixo, observando a estrutura e os elementos narrativos deste pequeno conto e responda as questões que se seguem.



ANDRADE, Carlos Drummond de. Histórias para o Rei. Rio de Janeiro: Record, 1999.

- a. Quanto ao personagem que conta a história, trata-se de um narrador-personagem, que participa da história, ou de um narrador-observador

(onisciente), que conta o que se passou com outros personagens?
Identifique uma frase que exemplifique isto.

- b. Quem são os personagens?
- c. Que palavras ou expressões indicam quando aconteceu a história?
- d. Em que lugar os fatos aconteceram?
- e. Qual é a situação inicial da história?
- f. Em que momento essa situação se complica? Por quê?
- g. O que deixou o personagem principal triste?
- h. Como o narrador termina sua história?

2 – Recontando a história.

1) Se você pudesse recontar esta história, como você faria para que ela tivesse uma linguagem mais atual? Leia cada parágrafo e reescreva-o abaixo.

“Nunca podia imaginar que fosse tão agradável a função de contar histórias, para a qual fui nomeado por decreto do Rei. A nomeação colheu-me de surpresa, pois jamais exercitara dotes de imaginação, e até me exprimo com certa dificuldade verbal. Mas bastou que o rei confiasse em mim para que as histórias me jorrassem da boca à maneira de água corrente. Nem carecia inventá-las. Inventavam-se a si mesmas.”

“Este prazer durou seis meses. Um dia, a Rainha foi falar ao Rei que eu estava exagerando. Contava tantas histórias que não havia tempo para apreciá-las, e mesmo para ouvi-las. O Rei, que julgava minha facúndia uma qualidade, passou a considerá-la um defeito, e ordenou que eu só contasse meia história por dia, e descansasse aos domingos. Fiquei triste, pois não sabia inventar meia história. Minha insuficiência desagradou, e fui substituído por um mudo, que narra por meio de sinais, e arranca os maiores aplausos.”

2º. MÓDULO – ENTENDENDO A ORGANIZAÇÃO TEXTUAL DE OUTRO TEXTO DO GÊNERO CONTO

RESGATANDO O CONHECIMENTO COTIDIANO

1 – Preparando a leitura:

- a. Você conhece a história da Princesa e o Sapo?
- b. O que você sabe sobre esta história?
- c. Como a história começa se desenvolve e termina?
- d. Quem são os personagens desta história?
- e. O que você acha desta história? Você gosta dela? Por quê?

CONSTRUINDO OS SENTIDOS DO TEXTO

Leia uma das versões deste conto abaixo e responda as perguntas.

A PRINCESA E O SAPO

Havia um rei, cuja única filha possuía uma beleza radiante como o sol. Por ser muito jovem e mimada, a princesinha tornou-se uma jovem cheia de caprichos.

No dia do seu aniversário, o pai presenteou-a com um maravilhoso pingente de ouro, em forma de coração.

E a princesinha, encantada com o presente, pendurou-o numa corrente e nunca mais se separou de seu dourado coraçãozinho.

Perto do palácio real, havia uma grande floresta onde a princesa costumava passear todas as tardes.

Às vezes, passava longas horas lendo contos de fadas, sentada à beira de um riacho que corria ali.

Um dia, porém, tendo esquecido de levar seu livro de leitura, a jovem pôs-se a jogar pedrinhas e folhas secas nas águas do rio.

Esteve brincando assim distraída durante longo tempo. Quando cansou, pegou seu pingente de ouro do pescoço e ficou a admirá-lo, segurando-o entre as mãozinhas delicadas.

Mas, sem querer, deixou que o pequeno coração lhe escapasse das mãos e caísse na água.

A jovem procurou a pequena joia em vão. Desiludida, começou a chorar de fazer dó. Até que, de repente, ouviu uma voz que dizia:

– O que aconteceu, princesa? Qual a razão para um choro tão desesperado assim? A jovem voltou-se e viu um sapo.

– Diga-me! – insistiu o sapo. – Posso ajudá-la?

Aos prantos, a princesinha contou que o coraçãozinho de ouro que ganhara do pai havia sumido nas águas do riacho. O sapo prometeu encontrar a joia. Mas exigiria algo em troca.

– Peça o que quiser, mas traga-me o pingente de volta! – pediu a jovem.

O sapo queria tornar-se o companheiro inseparável da princesa. Sentar-se à mesa junto dela, comer no mesmo prato e dormir na mesma cama.

Para obter novamente seu precioso coração, a princesa fingiu que concordava e jurou que atenderia ao pedido do sapo. Mas ficou imaginando uma maneira de livrar-se dele.

Feito o juramento, o sapo mergulhou no rio e retornou, logo depois, com o pequeno coração. Aproximou-se da princesa e, delicadamente, depositou a joia a seus pés.

A moça apanhou o pingente e, mais que depressa, saiu em disparada, deixando o sapo feito bobo, sem poder acompanhá-la.

O pobre coitado ficou amargurado da vida e voltou para a beira do rio, pensando no que fazer.

No dia seguinte, estando à mesa com o pai para almoçar, a jovem começou a ouvir pequenas pancadas na porta e uma voz que pedia:

– Abra a porta, princesa! Exijo que cumpra o que me prometeu!

Era o sapo que viera cobrar a promessa feita.

Ao ver aquela confusão, o rei quis saber de que se tratava.

Envergonhada, a princesa confessou ao pai como enganara o sapo para recuperar o pingente de ouro.

O rei era um homem bom e justo. Por isso mesmo, não gostou nem um pouquinho da atitude da filha.

– Apesar da aparência feia, o sapo ajudou-a num momento difícil, minha filha! Ordeno que cumpra a sua promessa.

A princesinha já estava mesmo arrependida. Abriu a porta e acolheu o sapo. E assim os dois começaram uma convivência incomum, porém amigável.

Com o tempo, ficaram tão amigos que a princesinha já não fazia mais nada sem ouvir os sábios conselhos do sapo. Até que um dia, o bichinho adoeceu gravemente, deixando a jovem aflita.

– Dê-me um beijo de adeus! – pediu o sapo.

A princesa não conseguiu negar-se a um pedido tão comovente. Ergueu o sapo nas mãos, colocando-o em sua cama macia. Em seguida, abaixou-se e encostou ligeiramente os lábios sobre a sua pele rugosa.

Para seu espanto, o sapo virou um belo príncipe, que lhe contou como uma bruxa má e invejosa o transformara em sapo. Com o afeto da princesa, o encanto se desfez e o príncipe voltou ao normal.

Depois disso, os jovens se casaram e foram felizes.

GRIMM, Jacob e GRIMM, Wilhelm. A princesa e o sapo. São Paulo, FTD, 2006.

1 – Entendendo elementos contextuais.

- a. Quem é o autor do texto?
- b. Quando o texto foi publicado?
- c. Para quem você acha que o texto foi escrito?
- d. Que outras pessoas poderiam ler um texto como este?
- e. Para que você acha que o texto foi escrito? Ou seja, qual é o objetivo do texto?
- f. Onde podemos encontrar um texto como este?
- g. Onde este texto foi publicado? É possível reconhecer isto no texto?

2 – Entendendo a organização da história e como ela pode ser escrita.

- a. Em quantos e quais momentos a história se divide?
- b. Qual seria a situação inicial da história?
- c. Onde está a complicação ou o conflito gerador na história?
- d. Quando ocorre o clímax?
- e. Como acontece o desfecho da história?
- f. Quais são os personagens da história?
- g. Quem conta a história? Como podemos perceber isto?

- h. Que tipo de narrador tem nesta história?
- i. Onde a história aconteceu?
- j. Onde a princesa costumava passear todas as tardes?
- k. Quando a história aconteceu? Que palavras ou expressões marcam isto?
- l. Que expressão foi utilizada para expressar quando a princesa deixou o pequeno coração escapar-lhe das mãos?
- m. O sapo acompanhou o desespero da princesa e prometeu encontrar a joia. O que ele exigiu em troca?
- n. Como é explicado o fato de o príncipe ter assumido o aspecto de um sapo por todo aquele tempo?
- o. Em um conto de fadas, há um elemento de transformação da situação inicial para a situação final do conto. Qual é o elemento de transformação do conto “A princesa e o sapo”?
- p. Enumere a segunda coluna de acordo com a primeira:
 - 1. Personagens principais
 - 2. Local onde aconteceram os fatos
 - 3. Tempo em que acontece a história
 - 4. Narrador onisciente

() A jovem procurou a pequena joia em vão. Desiludida, começou a chorar de fazer dó. () A jovem, o rei e o sapo.

() No palácio e próximo a um riacho.

() ... a princesa costumava passear todas as tardes.

- q. Para entendermos o enredo da história, é preciso entendermos a sequência dos fatos. Enumere os fatos abaixo na ordem em que ocorrem na história.

Fique Ligado!!!

O enredo de uma narrativa é constituído pelo conjunto de episódios que se encadeiam num determinado tempo e num determinado ambiente, motivados por conflitos.

() Começou a chorar de fazer dó, de repente apareceu um sapo dizendo-lhe que poderia ajudar com uma condição: queria tornar-se o companheiro inseparável da princesa.

() Como era seu aniversário, o rei deu-lhe um maravilhoso pingente de ouro, em forma de coração.

() Os jovens se casaram e foram felizes.

() Mas, sem querer, deixou que o pequeno coração lhe escapasse das mãos e caísse na água

() Havia um rei, cuja única filha possuía uma beleza radiante como o sol.

() A princesa recuperou o pingente e não cumpriu o combinado.

() Seu pai, como era um homem bom e justo, não gostou nem um pouquinho da atitude da filha, ordenou que se cumprisse o combinado.

() A jovem pôs-se a jogar pedrinhas e folhas secas nas águas do rio. Quando cansou, pegou seu pingente de ouro do pescoço e ficou a admirá-lo, segurando-o entre as mãozinhas delicadas.

() E assim os dois começaram uma convivência incomum, porém amigável.

() Até que um dia, sapo adoeceu gravemente. Aflita, a jovem dá-lhe um beijo e este se transforma em um belo príncipe.

r. Vamos identificar quais os tempos verbais que aparecem na história para melhor entendermos em que tempo ela é contada. Identifique no texto e copie abaixo os verbos que pertencem a cada tempo diferente:

TEMPO PRESENTE	TEMPO PASSADO	OUTROS

s. Para relacionarmos as ações acontecidas na história às personagens, identifique as palavras correspondentes às ações de cada personagem:

PERSONAGEM	AÇÕES
O narrador (3ª. Pessoa do singular)	
O sapo	
O rei	

t. As expressões em destaque nas frases abaixo indicam tempo ou espaço?

1- Organizadores temporais

2- Organizadores espaciais

() O pobre coitado ficou amargurado da vida e voltou para a beira do rio, pensando no que fazer.

() Às vezes, passava longas horas lendo contos de fadas, sentada à beira de um riacho que corria ali.

() Perto do palácio real, havia uma grande floresta onde a princesa costumava passear todas as tardes.

() Um dia, porém, tendo esquecido de levar seu livro de leitura, a jovem pôs-se a jogar pedrinhas e folhas secas nas águas do rio.

() Esteve brincando assim distraída durante longo tempo. Quando cansou, pegou seu pingente de ouro do pescoço e ficou a admirá-lo, segurando-o entre as mãozinhas delicadas.

() Aos prantos, a princesinha contou que o coraçãozinho de ouro que ganhara do pai havia sumido nas águas do riacho.

() No dia seguinte, estando à mesa com o pai para almoçar, a jovem começou a ouvir pequenas pancadas na porta e uma voz que pedia:

() Com o tempo, ficaram tão amigos que a princesinha já não fazia mais nada sem ouvir os sábios conselhos do sapo. Até que um dia, o bichinho adoeceu gravemente, deixando a jovem aflita.

u. Por que é importante o uso dos marcadores de tempo e espaço em uma narrativa?

v. Quais outras palavras fazem uma referência aos personagens?

PERSONAGEM	OUTROS TERMOS
O narrador (3ª. Pessoa do singular)	
A princesa	
O sapo	
O rei	

w. Quantas e quais as vozes que aparecem no texto?

x. Qual voz aparece mais no texto? Por quê?

y. Você concorda com o desfecho da história? Por quê?

z. Se você pudesse daria um outro fim à história? Por quê?

aa. Que outro fim você daria à história? Justifique sua opinião.

bb. Geralmente, os personagens são caracterizados nas histórias. Identifique no texto as palavras ou expressões que mostram as características dos personagens.

PERSONAGEM	CARACTERÍSTICAS
O narrador (3ª. Pessoa do singular)	
A princesa	
O sapo	
O rei	

REVISANDO A ORGANIZAÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO CONTO

O conto, em geral, é uma narrativa curta e linear (com início, meio e fim) de um único fato com a participação de um número limitado de personagens. Sua função não é a de informar objetivamente sobre o fato, mas de contá-lo com certa graça, para seduzir, encantar, enredar o leitor na história. Sua linguagem busca cumprir a função de seduzir, encantar, sendo chamado de linguagem literária, o que é diferente da linguagem objetiva da informação veiculada, por exemplo, em uma notícia de jornal.

O conto deve apresentar os seguintes momentos da narrativa:

- Situação inicial ou introdução (equilíbrio) – Apresentação das noções de tempo e espaço da narrativa; descrição da situação como habitualmente vivem os personagens principais.
- Conflito ou complicação – Introdução de um problema na história, quando um fato ou uma situação nova muda a trama. O desenvolvimento da narrativa envolve a intensificação do problema apresentado anteriormente. Os personagens principais são envolvidos em situações diversas e obrigados a agir, a lutar com todas as forças para que a paz volte a reinar.
- Ponto alto ou clímax – Momento de maior tensão na narrativa. Nessa etapa da história, o personagem principal entra em confronto direto com o mal e luta com todas as forças para restaurar a paz ou conseguir o que deseja.
- Desfecho – Finalização do enredo. Momento em que se procura solucionar o conflito.

Em toda narrativa, identificamos quatro grandes estágios: situação inicial, complicação, clímax e desfecho.

1 - Leia, no quadro abaixo, as partes que compõem a narrativa do texto “A princesa e o sapo”. A seguir, associe a primeira coluna à segunda, de forma a exemplificar cada parte da narrativa.

A	Situação Inicial – o narrador explica algumas circunstâncias da história. Apresenta a época, o local e os personagens que participam da narrativa.
B	Complicação – fase em que se inicia o conflito entre personagens.
C	Clímax – momento de maior tensão, estágio em que o conflito entre os personagens centrais chega a um ponto em que não é mais possível adiar o desfecho.
D	Desfecho – solução de um ou mais conflitos apresentados na narrativa.

() “Mas, sem querer, deixou que o pequeno coração lhe escapasse das mãos e caísse na água. A jovem procurou a pequena joia em vão. Desiludida, começou a chorar de fazer dó.”

() “Para seu espanto, o sapo virou um belo príncipe, que lhe contou como uma bruxa má e invejosa o transformara em sapo. Com o afeto da princesa, o encanto se desfez e o príncipe voltou ao normal. Depois disso, os jovens se casaram e foram felizes.”

() “Havia um rei, cuja única filha possuía uma beleza radiante como o sol. Por ser muito jovem e mimada, a princesinha tornou-se uma jovem cheia de caprichos.”

()“Para obter novamente seu precioso coração, a princesa fingiu que concordava e jurou que atenderia ao pedido do sapo. Mas ficou imaginando uma maneira de livrar-se dele.(...) A moça apanhou o pingente e, mais que depressa, saiu em disparada, deixando o sapo feito bobo, sem poder acompanhá-la.”

()“Até que um dia, o bichinho adoeceu gravemente, deixando a jovem aflita. – Dê-me um beijo de adeus! – pediu o sapo.”

2 - John Scieszka e Lane Smith escreveram um texto inspirado em “A princesa e o sapo” com um enredo um tanto modificado. Trata-se de uma versão moderna do conto de fadas. Leia o texto e observe as diferenças.

O OUTRO PRÍNCIPE SAPO

Era uma vez um sapo.

Certo dia, quando estava sentado na sua vitória-régia, viu uma linda princesa descansando à beira do lago. O sapo pulou dentro da água, foi nadando até ela e mostrou a cabeça por cima das plantas aquáticas.

“Perdão, ó linda princesa”, disse ele com sua voz mais triste e patética. “Será que eu poderia contar com a vossa ajuda?”

A princesa estava prestes a dar um salto e sair correndo, mas ficou com pena daquele sapo com sua voz tão triste e patética.

Assim, ela perguntou: “O que fazer para te ajudar, sapinho?”

“Bem”, disse o sapo. “Na verdade, eu não sou um sapo, mas um belo príncipe transformado em sapo pelo feitiço de uma bruxa malvada. E esse feitiço só pode ser quebrado pelo beijo de uma linda princesa.”

A princesa pensou um pouco, depois ergueu o sapo nas mãos e lhe deu um beijo.

“Foi só uma brincadeira”, disse o sapo.

Pulou de volta no lago, e a princesa enxugou a baba do sapo dos seus lindos lábios. Fim.

SCIESZKA, Jon & SMITH, Lane. O patinho realmente feio e outras histórias malucas. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1997.

3 - Preencha o quadro abaixo, comparando o conto de fadas tradicional “A princesa e o sapo” com o conto moderno “O outro príncipe sapo”.

ELEMENTOS DO CONTO	“A PRINCESA E O SAPO”	“O OUTRO PRÍNCIPE SAPO”
Personagens		
Tempo		
Espaço		
Enredo		
Narrador		
Elemento transformador		

4- O texto “O outro príncipe sapo” apresenta vozes de personagens. Qual sinal de pontuação marca estas vozes no texto?

RECONTANDO A HISTÓRIA.

1) Se você pudesse recontar a história da Princesa e o Sapo, como você faria? Crie a sua versão da história.

Para escrever um conto é necessário respondermos a perguntas, considerando três partes: introdução, desenvolvimento e desfecho (fim), de acordo com a organização que o texto deve ter. O

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO TEXTUAL	OK	PRECISO MELHORAR
<p>1. O texto está adequado ao objetivo de um conto?</p> <p>2. O texto está adequado ao(s) destinatário(s)? (ou seja, a seu professor, ou, aos possíveis leitores?)</p> <p>3. No início do conto há uma indicação clara do título?</p> <p>4. A escolha da voz do narrador está adequada na história?</p> <p>5. A escolha dos personagens está adequada na história?</p> <p>6. A situação inicial da história está clara no texto?</p> <p>7. O conflito ou complicação ficam evidentes no texto?</p> <p>8. O ponto alto ou clímax da história está claro?</p> <p>9. O desfecho da história está claro? Ou seja, fica evidente como o personagem resolverá o problema na história?</p> <p>10. O tempo em que as ações ocorrem no texto estão evidentes?</p> <p>11. O uso de palavras ou expressões para marcar o tempo na história está adequado?</p> <p>12. O espaço onde as ações ocorrem no texto fica claro?</p> <p>13. O uso de palavras ou expressões para marcar o espaço na história está adequado?</p> <p>14. As ações, ou o enredo, estão claras no texto?</p>		

<p>15. O uso dos verbos em relação às ações de cada personagem, conforme os momentos que acontecem na história, está adequado ao gênero conto?</p> <p>16. É possível perceber um elemento transformador no texto?</p> <p>17. A descrição dos personagens é compreensível no texto? Ou seja, é possível entender suas características?</p> <p>18. A descrição dos lugares onde a história acontece é compreensível? Ou seja, é possível entender suas características?</p> <p>19. O vocabulário utilizado está adequado ao gênero conto?</p> <p>20. Não há problemas de pontuação, frases incompletas, erros gramaticais, ortográficos, etc.?</p> <p>21. Outras questões:...</p>		
---	--	--

CONCLUSÃO

Resgatando a Introdução desta Monografia, chegamos à conclusão que a Língua Portuguesa como disciplina escolar representa um desafio pedagógico constante tanto para o ensinante (professor) como para o aprendente (aluno). E o fato de, na maioria dos casos, ambos serem falantes potenciais da língua materna não significa que todo o processo de ensino-aprendizagem acontecerá naturalmente, muito pelo contrário. O que acontece de forma natural é a aquisição da língua materna, do falar próprio de cada comunidade de cada família e dos grupos de amigos.

Dolz (2004) conceitua a Educação Linguística como um *processo de ensino e aprendizagem que visa a tornar o indivíduo capaz de utilizar a língua nativa, conscientemente, nas diferentes situações comunicativas presentes na vida em sociedade.*

Retomando o problema desta pesquisa que se refere ao tipo de estratégia mais adequada, segundo os pressupostos da Educação Linguística, para ser utilizado em sequências didáticas que desenvolvam a competência linguística do aprendente, concluímos que o ensino deve ser estruturado a partir dos conhecimentos prévios de cada aluno, no entanto, para que seja viável esta solução é necessário que se invista mais na formação do professor, bem como o interesse desse em se aperfeiçoar adquirindo novas e melhores estratégias de ensino.

Em relação às hipóteses levantadas de o porquê dos alunos do ensino fundamental II não conseguirem compreender significativamente o uso dos gêneros e a tipologia textual narração, devem-se ao fato, como bem já dito, da falta de esclarecimento e constante formação, por parte das instituições estudantis aos seus docentes.

Ao nos referirmos sobre a estrutura do texto narrativo e do conto, na Introdução, era nossa intenção apontar as diferenças e peculiaridades de Gênero Textual e Tipologia Textual, ou seja, esclarecer que esse trata da maneira como o texto será redigido e aquele qual o propósito comunicativo, portanto, a estrutura indicada para determinado objetivo.

Em relação aos nossos objetivos específicos que eram apontar as dificuldades aparentes no professor de LP ao lecionarem gênero e tipo textual,

conhecer os pressupostos teóricos que tratam da LT objetivando facilitar o trabalho do professor e apresentar uma sugestão a comunidade acadêmica a fim de contribuir para a disciplina é possível dizer que eles foram atingidos na medida em que traçamos o percurso histórico da LT, apresentamos literaturas capazes de direcionar um bom trabalho e por fim disponibilizamos um modelo de sequência didática perfeitamente aplicável em séries do ensino fundamental II.

Finalizando, acreditamos ser importante resgatar o foco da Educação Linguística que é o de preparar o aprendente para a sociedade em que está inserido, objetivando melhorar sua qualidade de vida, desenvolvendo a competência comunicativa. Em relação ao ensinante, este precisa adotar uma metodologia baseada em ações reflexivas, que aproximem a realidade escolar da realidade social do aprendiz.

REFERÊNCIAS

A Linguística textual e seus mais recentes avanços

<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/06.htm> acessado em 11/01/15 às 22:01

As abordagens tipológicas dos textos

<http://www.scielo.br/pdf/ld/v12n1/v12n1a16.pdf> acessado em 20/01/15 às 12:13

BACKTIN, Michael. (2010). **Estética da criação verbal: os gêneros do discurso**. SP: Martins Fontes. 5°. ed.

BRANDÃO, H.N. (2011). **Texto, gênero do discurso e ensino**. In Brandão, H.N. (org.). Gêneros do discurso na escola. SP: Cortez. 5°. ed.

Contribuições da linguística textual para a análise da coerência em hipertextos

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/46/582>.

Acessado em 13/01/15 às 21:37

GANCHO, Cândida V. (2006). **Como analisar narrativas**. SP: Ática. 1° ed.

GARCIA, O. M. (2010). **Comunicação em prosa moderna**. SP: FGV. 27° ed.

Gêneros textuais: definição e funcionalidade

http://www.uems.br/site/nehms/arquivos/53_2014-04-04_12-17-14.pdf

acessado em 22/01/15 às 21:36

Gênero textual e tipologia textual: colocações sob dois enfoques teóricos<http://www.filologia.org.br/soletras/20/06.pdf> acessado em 20/01/15 às

13:49

GOTLIB, Nádya Battella.(2006). **Teoria do Conto**. SP: Ática. 1° ed.

INDURSKY, Freda.(2006). **O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites.** In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI RODRIGUES, Suzy (Orgs.). Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade. Campinas: Pontes.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria.(2012). **Ler e Escrever: estratégias de produção textual.** SP: Contexto. 2°. ed.

KOCH, Ingedore Villaça. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Linguística Textual e Ensino de Línguas.** SP, 2014. Disponível em: http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no1_02.pdf

MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2012). **Produção Textual, Análise de Gênero e Compreensão.** SP: Parábola. 1°. Ed.

MILLER, Carolyn R.(2009). **Estudo sobre Gênero textual, Agência e Tecnologia.** Recife: Coleção & Letras.

Modelo didático do gênero conto
http://www.qnlsaojudas.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/5/2130/209/arquivos/File/textos/cleunice/modelo_didatico.pdf acessado em 12/03/15 às 16h

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. (2013). **Gêneros orais e escritos na escola.** SP: Mercado de Letras. 3°. ed.

SIQUEIRA, João Hilton Sayeg.(1992). **Organização Textual da Narrativa.** SP: Selinunte. 1°. ed.

Parâmetros Curriculares Nacionais. **Gêneros Discursivos e Sequências didáticas: uma possibilidade de prática didático-pedagógica em Língua Portuguesa.** SP, 2014.Disponível em:

http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT_02_10_2010.pdf.